

OS INTELLECTUAIS E A ESPANHA JULIÁN CARRÓN

Presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação desde 2005, este teólogo originário da Estremadura que se mudou para Milão não se resigna a reduzir o mal-estar que se instalou na vida dos europeus a uma questão económica. «Hoje, estão em risco – escreveu em *A beleza desarmada* (Lucerna, 2016) – o próprio Homem, a sua razão, a sua liberdade, incluindo a liberdade de ter uma razão crítica.»

«Na origem da crise atual está a destruição do humano.»

por Fernando Palmero
Fotos de Javi Martínez

Julián Carrón concorda com as afirmações de Bento XVI sobre a origem cristã dos valores sobre os quais, do Iluminismo em diante, ganhou forma a civilização europeia. E também com o diagnóstico da sua quebra, num momento em que a chave da condição humana no Ocidente é o «colapso das evidências sobre as quais, durante séculos, se fundou a nossa convivência». A busca de uma «certeza tão reconfortante que pudesse permanecer incontestada para lá de todas as diferenças falhou», constatava em 2005 em Subiaco o então cardeal Ratzinger. «Nem o esforço, verdadeiramente grandioso, de Kant foi capaz de criar a necessária certeza partilhada (...) A tentativa, levada ao extremo, de modelar as coisas humanas prescindindo completamente de Deus conduz-nos cada vez mais para o abismo, para o total esquecimento do homem», concluía. «Assiste-se assim – comenta Carrón em *A beleza desarmada*, uma obra carregada de erudição e reflexão ética que indaga as raízes da crise atual – a uma singular e significativa derrocada: a separação radical da filosofia iluminista em relação às suas raízes cristãs, que devia assegurar uma plena e autónoma afirmação do homem, “torna-se, em última análise, um prescindir do homem”».

Pergunta: *No seu livro, o senhor insiste em que as causas desta crise não são apenas económicas.*

Resposta: Nas últimas décadas, atravessámos outras crises económicas, que não nos levaram a esta tentativa de nos fecharmos sobre nós mesmos. Reduzir tudo a razões económicas é demasiado simplista. Estamos diante de uma crise mais profunda. O Papa fala de uma mudança de época, porque nos últimos séculos não houve mudanças assim tão profundas. Os valores sobre os quais está fundado o mundo ocidental, a liberdade, o progresso, a liberdade de consciência, a possibilidade que cada um tem de poder decidir o seu destino, a solidariedade, a fraternidade... começam a não ser evidentes, e o problema é saber o que é que hoje temos em comum, sobre que bases podemos fundar a nossa convivência na Europa e no mundo.

P: *Em França, na primeira volta eleitoral, 50% dos eleitores votaram por posições antissistema e, no escrutínio, 35% defenderam a posição xenófoba de Marine Le Pen; é um sintoma?*

R: Ainda há cinco anos, ninguém poderia imaginar este resultado. O que aconteceu em França é uma reação ditada pelo medo, aqueles que votaram Le Pen consideram que desta maneira se pode defender melhor «o nosso», como se a solução fosse criar novos muros defensivos, em vez de refletir sobre o que nos levou a esta situação. Como dizia Bauman, aquilo que parecia um pilar que nunca poderia ruir, a democracia, começou a ser posta em causa.

P: *A que se deve esta deriva nacionalista que sofremos também aqui, e que põe em discussão a União Europeia?*

R: A origem é a mesma. Os problemas que estamos a enfrentar são de natureza tal, que unicamente enfrentando-os juntos os poderemos resolver. Todos sabemos que certas coisas da União Europeia

não funcionaram como desejávamos, seria um erro não o reconhecer. Mas não me parece que isolarmo-nos seja a solução, num contexto histórico tão globalizado creio que isso é uma ingenuidade. Como diz Hannah Arendt, as crises são úteis porque nos fazem regressar às perguntas que nos desafiam, e já não podemos dar respostas pré-fabricadas. Uma crise é uma oportunidade para criar espaços de diálogo e estabelecer lugares para nos ouvirmos, e não para fazer prevalecer a nossa presunção.

P: *O terrorismo islâmico contribuiu para o enfraquecimento do projeto europeu?*

R: Oliver Roy, em França, deu uma interpretação que tem em conta a raiz última deste tipo de terrorismo. Pensamos no terrorista como se fosse um islâmico radical, mas a maior parte das vezes trata-se de um emigrante de segunda geração, não necessariamente observante dos preceitos do Islão, que esteve preso e sofreu uma radicalização imprevista. São pessoas com problemas, delinquentes que se tornaram muçulmanos e encontraram uma justificação para problemas que já tinham anteriormente. Mas é a ausência de uma razão última para viver o que leva muitas pessoas a optar por posições violentas, porque é a destruição do humano o que está na origem da crise actual. Podem ser pessoas que acabaram de chegar, ou de segunda geração, que não se adaptam, como muitos filhos das nossas famílias. Por isso, ainda que os expulsássemos a todos, não resolveríamos nada, porque não são eles que criam o problema, eles tornam evidente o problema que nós já tínhamos antes.

P: *Há quem pense que para lutar contra o jihadismo seja necessário um rearmamento moral do Ocidente. O senhor, no entanto, propõe «a beleza desarmada»: não será algo de ingenuamente utopista?*

R: O rearmamento moral é uma nova forma de imposição. Quando um miúdo vai para a escola com uma barra de ferro na mochila, a única forma de fazê-lo abandonar os seus instintos agressivos é desafia-lo com uma forma de vida que o seduza e que seja mais atrativa do que a violência. Este é o único rearmamento moral que desarma. Não acredito em alternativas. As outras são relações de poder. Há duas possibilidades à escolha: ou criamos estados policiais, e para os defender viveremos sempre num regime de medo dos outros, ou estados abertos nos quais existam espaços para descobrir aquilo por que vale a pena viver.

P: *Mas há também razões internacionais, como a guerra entre sunitas e xiitas.*

R: Sim, mas temos de ter em conta que as grandes mudanças que se produziram no Médio Oriente foram provocadas por guerras importadas do exterior. Não queremos dizer que Saddam Hussein fosse um santo, mas, depois de tudo o que aconteceu, os iraquianos não ficaram melhor. E é certo que isso pode oferecer a alguns uma justificação para usar a religião como ratificação da violência, para poder justificar aquilo que é injustificável.

P: *O facto de o islão não ter vivido um Iluminismo, como aconteceu com o cristianismo, não torna difícil para os países árabes acederem à democracia?*

R: Talvez sim, e isso faz-nos dar-nos conta da ingenuidade de quem pretende exportar a democracia, que é um valor ocidental e foi o resultado de um processo muito longo de construção social, cultural e humana. Bento XVI reconheceu que quando o Cristianismo se tornou religião de Estado, foi o Iluminismo que nos recordou a nós, cristãos, que o papel da religião tinha sido distorcido. E este percurso tem de ser feito por todas as religiões e todas as culturas, para que cada pessoa, independentemente das suas crenças, possa aceder à verdade sem nenhum tipo de constrição. Como dizia Charles Péguy, uma verdade que não fosse aceite livremente, a quem poderia interessar?

P: *Por que razão o cristianismo, ou mais concretamente a Igreja, gera em certos setores da sociedade um tão grande repúdio?*

R: Esta é uma pergunta que nós, cristãos, devemos fazer-nos, como nos recordava T.S. Eliot: foi a Igreja que abandonou a humanidade, ou foi a humanidade que abandonou a Igreja? É o grande desafio ao qual procurou responder o Concílio Vaticano II, que com o decreto sobre a liberdade religiosa, entre outros, aprofundou a natureza da verdade, a natureza da fé cristã, que não precisa de outra força a não ser a evidência da beleza. Se não é assim, se o cristianismo se converte num conjunto de hábitos e comportamentos em que não se sente a necessidade de desafiar o outro com a beleza de algo que o atraia, o cristianismo não terá nenhuma perspectiva.

P: *[No nosso país], a Igreja também é acusada, depois da Transição, de gozar de privilégios. Crê que é assim?*

R: Não sou historiador e era um jovem naqueles anos, mas é óbvio que sem a mudança que se verificou na Igreja com o Concílio Vaticano II teria sido mais difícil uma Transição pacífica, que foi uma tentativa por parte de todos de reconhecer que não podíamos viver sem os outros. Quando se perde isto de vista, e presunçosamente pensamos poder viver sem os outros, tudo se radicaliza. A Igreja não quer nenhum privilégio, só pede um espaço para poder dar o contributo que, como qualquer outra realidade presente no âmbito social, cultural, laboral, etc. pode oferecer. Não tem outro interesse senão defender isto.

P: *Como pensa que o Governo de Rajoy geriu a herança legislativa em relação a questões como o aborto, a eutanásia ou o casamento homossexual?*

R: Neste tipo de problemas a legislação é o último ponto. A questão não é impor uma ou outra posição, mas é sim o que torna possível que possam ser novamente reconhecidos como válidos alguns valores que para os outros não o são. A Igreja considera que a vida se vive melhor vivendo-a em relação com os outros, que as crianças crescem melhor no seio de uma família que funciona, que as pessoas vivem melhor no casamento do que se se divorciarem, mas tudo isto não se pode impor por decreto. Pensámos que para gozar da liberdade bastaria não ter vínculos de nenhum tipo, mas chega um momento em que uma pessoa se pergunta: para que tenho eu a liberdade? Não é um problema legislativo, a lei é consequência de alguma coisa que primeiro é necessário construir, para que possa ser reconhecido por todos. Quando as leis dão um passo atrás – no trabalho, na defesa da mulher, da vida, ou da ecologia – aquilo que vemos são as consequências. Por exemplo, ninguém nos obriga a fazer uma lei diferente para defender a natureza, o que significa que este valor ainda não ruiu, e isto reflete-se também no plano legal. O desafio é evitar, como diz o Papa, que prevaleça a ideologia de descartar tudo aquilo que não nos serve, de tratar as pessoas como algo para usar e deitar fora.

P: *Perdeu-se o valor da vida humana?*

R: Demos por adquirido que a vida tem valor por si mesma, mas não basta a vida; a vida tem valor se tiver um significado, se houver alguma coisa que a torna digna de ser vivida. A vida tem de apaixonar-me, porque isso é o que facilita que eu me abra a um horizonte mais amplo e que comece a sentir o outro não como um adversário ou como alguém que limita a minha liberdade, mas sim como alguém que a alarga.

P: *Que responsabilidade tem aqui a educação?*

R: Quanto mais temos os dados à disposição, mais é evidente que estamos diante de uma emergência educativa. Dantes um professor tinha à sua frente alunos dispostos a aprender. Hoje não, hoje ele tem de suscitar o interesse por aquilo que explica para poder ter uma incidência sobre a pessoa, e para que, oferecendo-lhe um percurso humano, um caminho de conhecimento, um caminho de uso da razão, uma educação para a liberdade, se possa gerar um sujeito que, por sua vez, dê forma à sociedade em que vivemos. Muitas vezes, o problema da educação é o problema do adulto, não apenas das crianças. Para muitos pais, o único princípio é que os seus filhos não tenham de passar pelas dificuldades que eles passaram. Mas se lhes tiramos aqueles factores que fazem

crescer a pessoa, em vez de os acompanhar e de os ajudar a crescer superando-os, vamos criar eternas crianças. Por outro lado, hoje a educação consiste em dar aos alunos uma série de instrumentos técnicos para que se possam safar, porque já não está na moda dar-lhes uma formação filosófica ou antropológica. E esta é a razão pela qual estamos indefesos diante das *fake news*. É como se o coração do homem já não fosse capaz de distinguir a verdade. Por isso há que pôr a pessoa ao centro, para lhe ensinar a olhar para o mundo com os seus próprios olhos, a pensar pela sua cabeça, desenvolvendo um espírito crítico que torne o eu mais protagonista e menos espetador, mais líder e menos *follower*, mais cidadão e menos súbdito.

P: *É necessária a autoridade na educação?*

R: Etimologicamente, autoridade significa alguém que me faz crescer. Quem não tem presente na sua vida pessoas, professores ou amigos assim? Isto é a autoridade, a testemunha que te diz: «Olha como se pode viver a vida», alguém que não te impõe de forma autoritária uma visão das coisas, mas que te desafia simplesmente vivendo.

P: *Na situação atual do País Basco, é preciso antepor o esquecimento à justiça para reaprender a caminhar?*

R: A justiça não pode deixar de cumprir a sua função em relação àqueles que cometeram delitos de sangue. No entanto, estes podem cumprir toda a sua pena e não reconhecer o mal feito. E nós podemos sentir-nos frustrados, porque as vítimas nunca irão recuperar os seus entes queridos. Estamos diante de um problema mais profundo. Se não existe um além, a justiça é uma palavra vazia. O cristianismo logrou com que o além se fizesse presença na história. Jesus, dando a vida pelos homens, desafiou a espiral de violência da qual não conseguimos sair. E sem esta misericórdia não encontrarão a paz nem uns, nem outros. Quando as pessoas se abrem a este processo começa a acontecer um facto que muda, em primeiro lugar, as próprias pessoas. Se na vida não acontecer nada que prevaleça no presente sobre todo os erros do passado, não há nada a fazer.